

Livros & Revistas

REEDIÇÕES BAIANAS

SALLES, Arthur de. Obra poética. Salvador, Secretaria de Educação e Cultura, 1973. 464 p.

Depois de três anos sem que aparecesse sequer uma reedição de escritor baiano já falecido, vem de ser publicada, pela Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, a OBRA POÉTICA de Arthur de Salles. O fato é alvissareiro (salve!), ainda quando seja registrado no próprio livro que o projeto editorial — inclusive sua verba orçamentária — é oriundo também de três anos atrás. Vale dizer, da mesma época em que foram reeditadas, com patrocínio pre-

dominante do Governo baiano, as obras de Gregório de Mattos, de Luís dos Santos Vilhena, de Junqueira Freire, e os *Praieiros* de Xavier Marques. (Não falemos da edição de Pedro Kilkerry, pois ela teve patrocínio oficial paulista).

A reedição 1973 de Arthur de Salles não será, como não são as mencionadas, a edição básica, final e paradigmática de que necessitam (para não estender tal carência a outras terras) os textos literários baianos de auto-

res de pouco trânsito em edições consideradas rentáveis em termos monetários. Todavia, afora a lamentável republicação dos *Praieiros* de Xavier Marques (francamente deturpada e até inconcebível como texto vernacular), aquelas outras edições tinham — e têm — o mérito de trazer aos estudiosos de hoje e (ou do futuro) obras e textos antes só encontrados como raridades bibliográficas em bibliotecas ou exclusivamente em mãos de colecionadores. O mérito, portanto, único e em pleno potencial, consiste em permitir reativar os estudos daqueles autores, a fim de que surja, em dias mais felizes, a edição crítica, básica e definitiva. Aquelas reedições, por outro lado, sanaram parcialmente um problema elementar que é o desconhecimento de muitos autores baianos fora da geografia local — nela também? — simplesmente porque não existem edições disponíveis para que venham a ser lidos em outros locais, especialmente em outras universidades. Em suma, a reedição de Arthur de Salles num único volume traz, conseqüentemente, a mesma significação daquela de Mattos, Freire e Vilhena.

Mas, se potencialmente reativa os estudos, esta de agora padece de sérios males. O primeiro decorre de não ter havido uma pesquisa para incluir, no volume ora aparecido, a parte dispersa em periódicos pelo poeta de *Sangue Mau*. Um outro, a ausência de uma revisão

criteriosa dos originais tipográficos, que levou a lapsos, gralhas e outros defeitos, assinalados por conhecedores do poeta, especialmente Lafayette Spinola (*A Tarde*, 23.jun.1973), e reconhecidos pela extensa Errata de 15 p. em letra miúda, há pouco aparecida. Essa ausência de revisão nas provas deitou a perder um mérito adicional que teria a edição, ou seja, ter sido a atualização ortográfica realizada pelo Prof. Raul Sá. Sem embargo, ou por causa desse mérito adicional, se tivéssemos mais outra restrição textual, além das contundentemente apresentadas por conhecedores da obra, seria ela concernente à falta de um apêndice em que tivessem sido mencionados os critérios usados na atualização do texto, tendo mesmo em conta a qualidade do critério do mestre Raul Sá. Não só a sua lição ficaria registrada, como ainda deixaria de provocar a carência de nova fixação atualizadora do texto-base, sempre que se pretender fazer outra edição total ou parcial.

De nossa parte, há uma restrição extra-texto a fazer. Apesar da circunstância de que devemos compreender as razões que levam a se apresentarem insatisfatórias as disponibilidades da maioria das gráficas de Salvador, ainda assim seria possível uma edição mais bem cuidada — tanto na diagramação e tipagem do texto, como no *lay-out* da capa. Por isso mesmo, não há como esconder que, entre as ree-

dições promovidas pelo Governo estadual, foi esta a que, esteticamente, apresentou uma pobreza gráfica mais constrangedora. Esse aspecto, por que negar?, deve ser salientado não só porque nosso parque gráfico é capaz de coisa melhor. Mas, sobretudo porque a "imagem" que se terá da obra de Arthur de Salles, a partir da estética desta edição, será a de que se trata de uma poesia marginal (no pior sentido), a que as instituições culturais — e o Governo — ficam desobrigadas quando a imprimem de qualquer modo.

Apesar de tudo, e mesmo com as restrições alheias e atuais, o

aparecimento desta reedição deve ser saudado de modo indubitável. Surgindo em 1973, supomos que simbolize uma retomada das reedições literárias com patrocínio de órgãos oficiais baianos, que assemelham ter deixado a Cultura como o primo-pobre da Educação. Não resta dúvida que esse patrocínio deve continuar a existir. Dele depende, talvez, o entendimento, aqui e alhures, de que a suposta pobreza quantitativa da literatura baiana é, em boa parte, devida ao desconhecimento editorial. E não consequência da raridade da manifestação literária da sensibilidade baiana.

DAVID SALLES

O tempo e o espaço

CHAVES, Flávio Loureiro, org. O Contador de Histórias. 40 anos de vida literária de Érico Veríssimo. Porto Aelgre, Globo, 1792. 225 p.

Um dos mais interessantes acontecimentos nos últimos dez anos tem sido a valorização constante da obra de Érico Veríssimo. Popular ela sempre foi, possivelmente desde o longínquo 1933, quando publicou *Clarissa*, a estória amorável de uma jovem que toma conhecimento da vida a partir da convivência com os hóspedes da pensão de sua família. Mas a obra de Érico Veríssimo como que se ressentiu, até mais ou menos os anos 50, de um interesse aprofundado dos leitores, da

crítica e dos estudos universitários. Era como se fosse apenas um “contador de histórias” e mais nada, apesar de ele próprio declarar que não procurava ser outra coisa: um contador de histórias.

Havia motivos (ou talvez preconceitos) em torno do autor de *Caminhos Cruzados*, o principal deles a fama de americanófilo, que carregava por causa de sua confessada admiração aos Estados Unidos, e também por causa do sucesso de *Gato Preto em Campo de Neve*. Ademais

(e, neste ponto, afoitamente), Érico Veríssimo era renegado por ser considerado por parte da crítica e por leitores mais arrevesados, por ter tido como uma espécie de Zane Grey ou de Arthur Hailey nacional, vale dizer: com o gosto de certos escritores norte-americanos que podem escrever dezenas de romances, a receita de êxito é sempre a mesma: uma história movimentada, com sexo, violência e pouca profundidade.

O tempo se incumbiu de demonstrar — por si mesmo — que Veríssimo estava acima dos preconceitos e das superficialidades. Sua admiração pelos Estados Unidos decorria não só de uma legítima admiração pelo povo (sem compromisso político), do contrário não escreveria *O Senhor Embaixador*, como também pelo seu inveterado vício de viagens que outros livros confirmaram. Além disso, sua permanente adesão aos valores do homem social veio a demonstrar, quando foi necessário, que, como disse em significativa entrevista de 1967, seu compromisso maior é com o homem, e não com esta ou aquela ideologia.

Se, no plano da imagem do escritor, Érico Veríssimo deve sentir ter chegado onde queria chegar — sem mudar uma vírgula ou uma declaração do que escrevera ou dissera anteriormente —, no plano da obra, o fenômeno de seu crescimento decorreu sobretudo da notável qualidade de sua saga riogran-

dense *O Tempo e o Vento*, publicada em trilogia entre 1949 e 1961. A partir de então, sua obra tem sido vasculhada e analisada e louvada de modo crescente, passando o escritor a pertencer à galeria dos *happy few* cuja próxima obra é motivo de ansiosa espera. Tal aconteceu com *O Prisioneiro* e especialmente com *Incidente em Antares*, ainda hoje (dois anos depois de seu aparecimento) um dos livros mais lidos do país.

Do elogio da crítica, nenhum documento será melhor que o volume *O Contador de Histórias*, publicado por sua editora em comemoração ao 40.º aniversário de sua atividade literária. Nele, além de uma cuidada bibliografia que chega a informar sobre o número de livros que o escritor vendeu até hoje, está incluída parte da melhor crítica do País em reconhecimento da obra de Veríssimo, desde nomes largamente conhecidos como Otto Maria Carpeaux, Antônio Cândido e Tristão de Athayde até críticos de geração mais recente como Flávio Loureiro Chaves, Gilberto Mendonça Telles e Fábio Lucas.

Gostaria de destacar o estudo de Antônio Cândido (p. 40/51), por conter aquilo que a meu ver constituiu, ou tem constituído, o fulcro central da obra de Érico Veríssimo, ou seja, uma obsessão com a tentativa de fundir psicológica e simbolicamente o tempo e o espaço. Desde *Clarissa*, onde a pouca idade da personagem e sua limitação es-

pacial englobam um aprendizado que a torna (com certa nostalgia do narrador) adulta, até *O Tempo e o Vento*, onde o autor faz uma inquirição de séculos para fazer valer o significado e a saga do gaúcho.

Em resumo, o ensaio de Cândido, como todo o livro *O Contador de Histórias*, serve de constatação da atualidade e do interesse que está a granjear a ficção, popular mas significativa, de Érico Veríssimo.

DAVID SALLES